

Introdução

Este novo número da revista *Estranhar Pessoa* dá continuidade a uma série iniciada no outono de 2017, com a publicação de seu quarto número, intitulado *Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa*, ao qual se sucedeu, no ano seguinte, o caderno *Releituras Críticas*, ambos resultantes do trabalho conjunto do projeto *Estranhar Pessoa* (UNL) e do grupo de pesquisa *Estudos Pessoaanos* (USP). Dada a quantidade e a relevância dos artigos resultantes do Seminário Aberto “Assuntos Críticos”, realizado a 15 e 16 de Fevereiro de 2018 na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL (cf. <http://estranharpessoa.com/seminarios>), o presente caderno temático, a exemplo do anterior, acolhe o rico material produzido para aquele evento e reafirma o propósito de abordar obras e temas críticos fundamentais a respeito de Fernando Pessoa.

Direcionar a atenção mais sistemática à crítica pessoana, tal como procuramos realizar nesta série de cadernos, não significa, ao contrário do que se possa pensar, desviar o olhar da obra enquanto tal. Trata-se de compreender que a obra *em si mesma*, entrevista de uma perspectiva pretensamente autônoma e original, como uma mata virgem que se oferecesse ao explorador incauto, é uma utopia vazia, uma concepção carente de sentido de realidade. A nossa própria perspectiva não é senão resultado do acúmulo de leituras cristalizadas com o passar dos anos. O que muitas vezes damos como autênticas são ideias que não vão além de lugares-comuns e intuições alheias, então assumidas como próprias.

Desse exercício de olhar para o passado tendo em vista o futuro resultam os seis artigos que desenvolvem os seguintes temas críticos.

Na abertura do caderno, António Feijó examina brevemente o número 48 da revista *presença* (julho de 1936), dedicado a Pessoa. O crítico destaca a riqueza dessa recepção, seja pelos argumentos que prefigura, seja pelas posições que muitos anos depois seriam desenvolvidas. Para tanto, destaca a importância dos excertos das cartas com Ofélia Queirós, da primeira apreciação mediúnica de Raul Leal e da análise de Caeiro realizada por Guilherme de Castilho, para, em seguida, deter-se na conhecida tréplica de Gaspar Simões à refutação de Pessoa a respeito da explicação psicanalítica do crítico, publicada em *O Mistério da Poesia*, e no pouco mencionado ensaio de Luís de Montalvor, considerado aqui uma das melhores análises da heteronímia.

Neste mesmo contexto presencista, a crítica pessoana de Adolfo Casais Monteiro encontra-se, segundo Caio Gagliardi, perante o dilema de considerar Pessoa o maior poeta moderno de língua portuguesa e se ver obrigada a reconhecer o forte lado intelectual e racional

da sua poesia. Partindo de um ideário que valoriza a sinceridade em detrimento do intelectualismo poético, Casais Monteiro procura alargar a sua concepção de sinceridade de modo a abranger a poética pessoana. Caio Gagliardi identifica um sentido evolutivo nesta leitura do Pessoa “sincero”, que, a partir da década de 40, já após o encerramento da revista *presença*, defende o antibiografismo como crítica a Gaspar Simões e adota um novo vocabulário crítico, que lhe permite ler a obra pessoana a partir do contato com os escritos teóricos do poeta.

Ainda no âmbito das primeiras recepções, e a partir de uma designação do próprio autor, Rita Patrício propõe reexaminar a obra *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, de Jacinto do Prado Coelho, enquanto exemplo de “crítica imanente”. Esta crítica imanente é definida por Prado Coelho enquanto modo de leitura formalista: estudo detalhado das particularidades do texto, dele excluindo aspetos que excedam essa textualidade, sejam estes históricos, sociológicos ou psicológicos. Analisando estes pressupostos metodológicos e suas consequências para a leitura proposta da obra pessoana, Patrício demonstra como esta nunca rejeitou totalmente a tendência psicologizante que condena, nela se revelando uma imagem fundamental da psicologia do autor.

Insera-se nesse conjunto de interesses a análise de Fernando Cabral Martins dos dois primeiros artigos de Eduardo Lourenço sobre Pessoa, publicados anteriormente a *Fernando Pessoa Revisitado* (1973) e considerados seminais em sua crítica a respeito do poeta. Nesse percurso, identifica em “*Orpheu* ou a poesia como realidade” (1955) e “*Presença* ou a contra-revolução do modernismo” (1960) as noções críticas de base que seriam desenvolvidas, em ambos os casos ao longo de constantes reescritas, em textos posteriores. Nesse percurso analítico, Cabral Martins oferece sínteses de três perspectivas presencistas distintas, não apenas sobre Pessoa, mas com relação à própria leitura de Eduardo Lourenço sobre a *presença*. São elas as de Gaspar Simões, Casais Monteiro e José Régio.

Em “José Augusto Seabra: no coração do texto”, Manuela Parreira da Silva parte de um testemunho pessoal para a análise das noções teóricas mais marcantes da obra crítica de Augusto Seabra, assinalando a originalidade e presente relevância dos seus contributos. Focando a atenção concedida pelo crítico aos materiais do espólio então publicados, sublinha como a conciliação da análise filológica e crítica foi decisiva nas suas leituras. Parreira da Silva defende que estas leituras se apresentaram como um “corte epistemológico”, reconhecendo designadamente uma pluralidade articulada do texto pessoano, em contraponto à unidade defendida por Prado Coelho, e a presença de uma forte dimensão esotérica nos fundamentos da obra.

Por fim, Fernando Beleza ressalta, com fôlego reflexivo, a importância das ideias sobre a decadência, de Max Nordau, na obra de Pessoa, destacando como exceção num panorama crítico raso a respeito desse tema a leitura aprofundada de Haquira Osakabe em *Fernando Pessoa – Resposta à Decadência*. Segundo Osakabe, a resposta de Pessoa à decadência confere particular unidade à heteronímia. Na sequência de sua reflexão, Beleza convoca a noção de “reinventar a decadência”, proposta por Vincent Sherry, para pensar sua presença entre os modernistas, estabelecendo uma relação entre o drama-em-gente pessoano e a teorização de Freud sobre a pulsão de morte. Através dessa rica associação, o crítico procura identificar o lugar de Pessoa no contexto dos modernismos europeus.

À luz desses seis estudos e dos demais que compõem os dois cadernos anteriores, cabe considerar que o caráter mais extensivo desse esforço conjunto por uma revisão criteriosa da fortuna crítica pessoana estará sempre longe de abarcar todos os seus temas e autores fundamentais. Nem poderia ser essa a nossa pretensão. O que procuramos é reafirmar o compromisso com a literatura e a crítica como tarefas complementares, mutuamente implicadas e estimulantes. Num tempo em que a exigência de produtividade nas universidades tende a transformar parte das publicações em um diálogo de surdos, em que muitos falam e poucos estão dispostos a ouvir, há o risco iminente de que a crítica se transforme em uma atividade inofensiva, dócil, protocolar. O que se busca aqui, ao centralizar a reflexão crítica como objeto principal de interesse, é sublinhar o diálogo diversamente ao monólogo, a atenção ao outro no lugar da dispersão, a capacidade de ouvir antes de falar, de se deixar permear pelas ideias alheias ao invés de impor as próprias. A consciência, afinal, de que as próprias ideias resultam de formas de pensamento anteriores, por vezes assumidas inadvertidamente.

Caio Gagliardi e Pedro Sepúlveda
São Paulo e Lisboa, abril de 2019